



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FREDOLINO ADALBERTO RICARDO TAUBE II

(depoimento)

2002

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-24

Entrevistado: Fredolino Adalberto Ricardo Taube

Nascimento: 01/11/1917

Local da entrevista: Residência do entrevistado – Canoas/RS

Entrevistadores: Cássio Felipe Tejada Nunes

Data da entrevista: 15/05/2002

Transcrição: Cássio Felipe Tejada Nunes

Conferência Fidelidade: Cássio Felipe Tejada Nunes

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: Não há

Total de gravação: Não se sabe

Páginas Digitadas: 22

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 0927/2004/01

Número de registro da fita: Não há.

Observações: Entrevista realizada por Cássio Felipe Tejada Nunes durante a elaboração de sua monografia de conclusão de curso intitulada “O processo de federalização da ESEF/UFRGS: o estudo de um caso” defendida em 2003 junto ao Curso de Licenciatura em Educação Física - ESEF/UFRGS. Cedeu cópia da entrevista ao CEME em julho de 2003.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

TAUBE, Fredolino Adalberto Ricardo. *Fredolino Taube II (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

Sumário

Início da carreira esportiva; ingresso e envolvimento do entrevistado com a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS); atuação na área do atletismo em clubes de Porto Alegre; relato sobre o cotidiano e estrutura da ESEF-UFRGS; experiência em escola de segundo grau na cidade de Porto Alegre e no Instituto Santa Luzia; concepções acerca da Educação Física.

Canoas, 15 de maio de 2005. Entrevista com Fredolino Taube, a cargo do entrevistador Cássio Nunes.

C.N. – Bom, professor Taube, em que local e em que ano o senhor nasceu?

F.T. - Em que local e em que ano eu nasci?

C.T. - Isso...

F.T. - Nossa senhora...São Lourenço do Sul¹.

C.T. - Terra da minha mãe.

F.T. – Em um lugar chamado “Campo dos Quevedos”, em 1º. de novembro de 1917. Estás vendo que a coisa já está muito longe, no passado. Nasci... Meu pai era dentista de colônia. Ele tinha feito um curso junto com outro cirurgião e dali eles começaram a viajar. Naquele tempo o mercado de trabalho era muito pequeno, então, eles andavam para lá e para cá e eu sempre junto, até que com o tempo foram obrigados a morar mais ou menos permanentemente em um lugar e aí escolheram o município de Pelotas². Lá me criei, tirei o curso de ginásial - naquele tempo eram cinco anos - no ginásio Pelotense, hoje Colégio Pelotense. Como não havia perspectiva de trabalho a não ser pegar na enxada e trabalhar na roça, eu resolvi me mandar para Porto Alegre³, depois de ter tirado o curso ginásial. Aqui eu cheguei já com gente me esperando, porque no Ginásio eu tive um professor de Educação Física muito bom, muito formidável. O nome dele era Roberto Muller⁴, era de origem suíça e ele foi me incentivando e eu fui fazendo esporte, a aprender a arremessar disco, peso e dardo com ele... E aquilo... Já meus colegas...Eu fiz até um grupo de fãs, tive até um grupo de fãs lá, um deles veio para Porto Alegre antes de mim e falou com o técnico de atletismo do Internacional⁵, Dário Tavares⁶. “Olha, tal data vai desembarcar aqui alguém que já praticou atletismo lá no colégio.” Então, quando eu desembarquei

¹ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

² Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

³ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

⁴ Nome sujeito à confirmação.

⁵ Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

estavam lá eles me esperando. Eu fiquei morando no alojamento dos jogadores lá Estádio dos Eucaliptos⁷ naquela época. Ai eu fui tentar arranjar serviço e não conseguia serviço até que, de repente, um ex-colega meu que veio de Pelotas me arranhou serviço aqui como pintor, porque nessa época eu gostava de pintar, fazia letreiro, etc. E o Carlos Petrucci⁸ me arranhou um lugar e eu fiquei trabalhando nessa firma e depois logo em seguida passaram para gás néon, isso você nem conhece não é?

C.N. - Conheço. Gás Néon? Os letreiros iluminados aqueles...

F.T. - Isso. Então, eu tinha que fazer a pintura das placas e o outro lá no laboratório fazia os letreiros, era bem do lado. Mas aquilo não me satisfiz e eu estava pensando “como é que eu vou progredir nesta triste cidade?” Daí de repente na pensão onde eu parava, eu me dei de cara com conhecidos meus, que eram professores em colégios adventistas e eles estavam aqui em Porto Alegre. Isso foi em 1940.

C.N. - Quando o senhor chegou em Porto Alegre?

F.T. - Na fundação...Eu cheguei em início de 39, acho que foi em janeiro ou fevereiro de 39. Em 40 eu conheci esses rapazes e eles estavam fazendo curso de Educação Física numa escola que tinha recentemente sido fundada.

C.N. - É. Essa eu conheço...

F.T. - Os fundadores eram praticamente todos militares, sendo que o diretor daquela época era o capitão Olavo Amaro da Silveira. Tu deves ter a foto dele lá, grudada na parede dentro da ESEF⁹. Ai eu pensei comigo “aí está a minha chance” Parece mentira, ainda hoje eu estava falando com a minha mulher “tudo na minha vida sempre foi assim: foi se encaixando de uma maneira tão boa que, de fato eu não tive problemas”. 41 eu digo: “Não, esse ano eu já vou entrar na Escola e, em 41, eu entrei na Escola e em 42 eu me formei. No fim de 42 chegou o diretor da escola disse para mim: “Olha, professor Fredolino, tu tens já

⁶ Nome sujeito a confirmação

⁷ Estádio pertencente ao Sport Club Internacional foi inaugurado em 15 de março de 1931.

⁸ Nome sujeito à confirmação.

⁹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

um lugar pra trabalhar: no Júlio de Castilhos¹⁰ e o outro na ESEF. Vais ficar de professor na ESEF e no Júlio de Castilhos. Naquele tempo funcionava ali do lado da Escola de Direito, da Faculdade de Direito. Ali tem um edifício muito bonito e fazia parte da Escola de Engenharia. Quer dizer que eu não tive problemas: me formei, a escola foi fundada - parece que foi fundada para mim pois eu tirei o curso e no fim do curso já tinha lugar para trabalhar. E a vida correu mais ou menos suave até hoje. Depois de formado eu já trabalhei como professor de atletismo na SOGIPA¹¹ - fui duas ou três vezes técnico. Fui técnico, primeiro das moças, depois fui técnico do grupo todo, depois desmembramos de novo e fiquei com a parte masculina e tinha auxiliares. Deixei de trabalhar como técnico de atletismo quando - eu acho que era em 70 - fui solicitado para ser coordenador da Escola de Educação Física. Era a época de transição do estado para o federal e tinha umas embrulhadas lá, sabe, tinha gente fofoqueira e aquilo fez com que o diretor saísse de lá e fui lá tomar conta daquilo e foi uma transição. Eu fui mais ou menos o agente que fez a transição entre o estado e o federal. Do estado para a faculdade - uma faculdade da Universidade. Naquele tempo os professores que estavam lá - hoje acho que a maior parte acho nem é deste mundo - mas foram três anos de trabalho. Implantamos completamente a estrutura da escola e adaptamos, vamos dizer assim, o sistema todo, a universidade que estava trabalhando com o sistema de...

C.N. - Departamentos?

F.T. – É, departamentos e disciplinas. Não era mais séries, não era seriado. Eram disciplinas, você tirava um número de disciplinas para se formar porque até aquela data nós tínhamos a escola funcionava por série: primeira, segunda... Então tu tinhas que fazer era uma coisa mais palpável, vamos dizer assim, para o aluno. O aluno sabia que estava na segunda série e tinha mais um ano pela frente. Quando passamos para o sistema de disciplinas, aí a coisa ficou meio difícil. Parece-me que não só os alunos mas os próprios professores se sentiram meio perdidos dentro daquele sistema, porque não estávamos acostumados aquilo Porque: “mas, e a disciplina tal não seria do último ano de...?” [Risos] “E faz agora ou antes?” Então tivemos que fazer um trabalho no sentido de fazer uma ordenação nas disciplinas: essa não pode ser cursada antes daquela porque tem....

¹⁰ Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

C.T. - Pré-requisitos?

F.T. - Tem pré-requisitos. Então a coisa... Foi um trabalho bastante difícil. Nós tínhamos reuniões para a implantação dos departamentos e acabou tudo bem depois. No fim tudo certo, tudo funcionou. Eu fiquei três anos, aí fizemos eleição para a direção e entrou o Targa¹² como diretor naquela época. Eu nem sei quanto tempo ele ficou mas eu acho que ele ficou até... Eu me aposentei e ele ainda era diretor lá na Escola.

C.N. - Depois que o senhor saiu da direção ele foi diretor? Mas ele já tinha sido antes, não é?

F.T. - Ele continuou? O Targa estava lá ainda depois que eu sai?

C.N. - É isso mesmo Estou lhe perguntando quem sucedeu o senhor...

F.T. - Isso eu não me lembro bem, mas eu acho que era o Targa. Ele ainda que estava lá, eu me aposentei e depois que eu me aposentei só tive uma vez na Escola. Eu vou te dizer uma coisa: depois que a gente se desliga de um lugar a gente fica desconhecido lá... A coisa não... Eu fui professor durante trinta e cinco anos no Júlio de Castilhos. Depois que me aposentei fui lá um dia, cheguei na porta de entrada, tinha um cara lá cuidado da porta de entrada e: “o que o senhor deseja?” [risos] Daí eu pensei assim “vai me conhecer? Não, não conhece nada.” Eu era um ilustre desconhecido, daí eu entrei, eu me apresentei: “Ah, pois não. Ali é a sala dos professores.” E eu: “eu sei bem onde é a sala dos professores, vou dar uma chegada lá.” Olhei, abri a porta e olhei assim para dentro: Não há ninguém aí que eu conheça.” Tudo era diferente, tudo novo. Quer dizer, a gente se aposenta, acabou-se. Eu estou vivendo outra vida, não é a da educação física. A educação física foi um departamento dentro da minha vida, agora estou em um outro departamento, estás entendendo o que eu quero dizer?

C.N. - Eu entendo, eu entendo...

¹¹ Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

F.T. - Eu trabalhei... No tempo que eu trabalhava de professor no Instituto....

C.N. - É esse instituto que tem o nome do precursor da Educação Física? - Frederico Gaelzer¹³?

F.T. - Esse...

C.N. - O senhor trabalhou nesse instituto?

F.T. - Eu trabalhei no instituto que ele era dono¹⁴, eu ajudei lá. Eu sempre digo: “se eu tive um segundo pai, foi ele, porque ele era simplesmente formidável.” Era formidável! Ai foi solicitado, através da professora Yula Herve¹⁵, ela trabalhava no Instituto Santa Luzia¹⁶, e ela disse: “Olha, tu não gostarias de dar umas aulas de ginástica para os cegos?” E eu disse: “Pois não, eu tenho umas horas sobrando, eu vou lá”. Então aquilo foi uma obra, vamos dizer assim, uma obra missionária, não era por dinheiro que eu dava aula lá. Quando eles se mudaram lá para o Passo da Cavalhada¹⁷ - onde agora eles tem uma construção enorme lá... Eu não acompanhei, dali em diante ficou um outro lá tomando conta. O apelido dele era Bruxo¹⁸...

C.N. – [risos] Não, mas eu tenho um colega que é bruxo também. O apelido dele....

F.T. – É, deve Ter... Um senhor de bastante idade agora, o Bruxo. Não é esse Bruxo?

C.N. - [risos] Não, não...

F.T. – Não. Ele é professor de ginástica – formado, mas já aposentado, nem sei se ainda vive, sabe? Porque é como eu digo: a gente se desliga e depois não sabe quem está vivo e quem não está. Ai eu comprei aqui fora - que naquela época era chamado de “Sapolândia”,

¹² Jacintho Francisco Targa

¹³ Frederico Guilherme Gaelzer.

¹⁴ Denominava-se Instituto Fisiotônico.

¹⁵ Yula Maria Green Hervé.

¹⁶ Instituto Santa Luzia Escola de 1º Grau para Cegos.

¹⁷ A localização exata é Avenida Cavalhada, 3999. Essa região é conhecida por Passo da Cavalhada.

mas foi uma das grandes coisas que eu também eu fiz, que me aconteceu de comprar aqui E casei, tenho três filhos - duas filhas, a caçula é professora de ginástica, a mais velha é médica e o rapaz é engenheiro Me sinto feliz da vida porque agora estou fazendo uma coisa que eu sempre queria fazer: estou envolvido com ecologia!

C.N. - Ah! É?

F.T. – É, aqui fora, aqui em casa meu trabalho é só dar alimento para os passarinhos. Dou de manhã e de tarde ali para os pardais e para as pombas; boto quirela lá nos fundos, fiz uma casinhola lá, boto banana. Vêm os sabiás, o Saí azul, conhece?

C.T. - Alguns sim...

F.T. - É, até a sete cores, não sei se tu conheces. O Saí de sete cores. Vem sabia, vem uma série de passarinhos que vão lá comer banana que a gente bota lá e quirela e outras coisas mais. Então está ai...E são assim em casa. Você agora não está notando, mas tem oito gatos e tinha quatro cachorros até que, um mês atrás, um outro se mudou pra cá - o cachorro do vizinho, do Nilton se mudou para cá e eu já fiz uma sobre-cerca, mas ele dá um jeito de entrar aqui e fica dentro de casa. Mas é isso ai a minha vida agora: estou com oitenta e três e vou fazer oitenta e quatro dentro de um mês e pouco. É, estou esperando, não sei se é ir para o inferno ou ir para o céu como diz a turma, mas a gente espera alguma coisa. Eu quando faço minhas orações eu estou pedindo para não me fritarem muito tempo [risos]. Porque eu acho que eu vou direto para o inferno...

C.N. - Que é isso professor...

F.T. - É. Tu tinhas alguma coisa para perguntar?

C.N. - Bom, professor, o senhor me disse que nasceu em São Lourenço que é, por sinal, conterrâneo da minha mãe. Depois o senhor com seu pai viajou e foi para Pelotas, não é? E depois o senhor sem perspectivas de trabalho sem que a fosse a lavoura - a roça como o

¹⁸ Rubens Lima de Souza

senhor falou - o senhor foi para Porto Alegre. Quando o senhor foi para Porto Alegre o senhor não tinha essa intenção de ser profissional de Educação Física?

F.T. - Eu vim com a intenção de tirar medicina. E foi muito bom porque eu não teria dado certo porque a minha mão é muito grande e não daria para fazer operações muito delicadas. Era brabo esse negócio... A sorte é que, naquela data mesma, fundaram a Escola de Educação Física. E eu digo: “É isso ai e pronto!”.

C.N. - Mas o senhor gostava de esporte mesmo. Tanto é que no seu segundo grau o senhor sofreu influência de seu professor...

F.T. – Sim, eu tinha feito...

C.N. - Professor Muller, não é?

F.T. - O quê?

C.T. - O nome do seu professor...

F.T. - Ah! Aquele que me incentivava no ginásio Pelotense? Era o professor Muller; ele era suíço, do cantão francês. Ele falava francês também...

C.T. - Mas foi ele que ligou para Porto Alegre e falou com o pessoal do Internacional que o senhor era bom no atletismo?

F.T. - Ele logo viu...Bom, criado lá fora... Eu era um pouquinho maior do que todos os outros, um pouquinho mais forte. A gente de Pelotas era tudo meio baixinho, meio mirrado... Eu fui, durante todos os 5 anos em que eu fiz lá o ginásio, eu sempre fui campeão - a não ser um, quando eu estava na terceira série do ginásio. Apareceu um rio-grandino que veio transferido para o colégio - lá para o ginásio pelotense – e tirou o primeiro lugar: me passou na cara em tudo. [risos] Foi uma vergonha! A gente não pode ser sempre campeão, ai é que está a coisa, a gente tem que se acostumar. Aqui em Porto Alegre eu fui atleta do Internacional, competi pela SOGIPA também mas, em geral, foi no

Internacional... Naquele tempo o Internacional tinha um técnico que se chamava Dario Tavares, que era o arremessador de martelos. Sabe o que é arremessar martelos?

C.T. - Sei, sei...

F.T. - Então, ele era o “Bam-Bam-Bam” do martelo e era um dos melhores do país. Ele era conhecido dos caras craques lá do Rio de Janeiro¹⁹. Então, quando tinha campeonato ele ia lá e a gente...Eu, assim, não tenho nada de importante na minha vida. Ela correu suavemente, não tenho coisas sensacionais, não tenho nada, nada... A Escola, é como eu disse, foi bem na horinha, foi fundada bem na horinha...Eu estava procurando uma coisa e aquilo veio a calhar. E veio de.. Porque quando eu terminei o curso já tinha os empregos, e eu fiquei 35 anos em cada um deles, não é?

C.T. - Exatamente. Era até disso ai que eu queria fazer uma ressalva..quer dizer o senhor competia na SOGIPA e no Inter²⁰ ao mesmo tempo que estudou na Escola²¹?

F.T. - É...

C.T. - O senhor estudava e competia?

F.T. - Eu?

C.T. - É...

F.T. - Não... Naquela época eu estudava e competia pelo Internacional

C.T. - Então isso ai foi antes do senhor entrar na Escola? Ou foi junto?

F.T. - É... Não eu... É mais ou menos junto...

¹⁹ Cidade Brasileira

²⁰ Sport Club Internacional.

²¹ Escola de Educação Física da UFRGS.

C.T. - Então o senhor se formou e disse que tinha duas propostas de emprego: uma na ESEF...

F.T. - Na ESEF eu fui professor de arremessos. Eu...Como a minha disciplina era lançamentos e o professor Ruben Milius²², já falecido também, era o chefe da disciplina de atletismo - ele dava corridas e saltos e eu ficava com a parte de arremessos. Aí o Russo Botana²³, também já falecido, era arremessador, ensinava arremessos. Porfíria Ramos da Fonseca, que até pouco tempo ainda estava viva, em cadeiras de rodas - ela teve uns derrames Ela era a professora de corridas e era, também, atleta do Internacional, do tempo do Dario Tavares. Ela corria muito bem, muito veloz a Porfíria. E tinha uma outra que era professora de saltos mas que não tinha vocação para aquilo, porque ela tirou outro curso e desapareceu. Nem me lembro mais do nome, parece mentira. A gente vai se esquecendo de tudo.

C.T. - É que a gente vai conhecendo muitas pessoas também...

F.T. - A Olga Kroeff²⁴, que depois casou com o professor Waldir Echart²⁵, deve ter a fotografia dele lá também na faculdade, ele era bom em basquete, voleibol, era professor dos desportos coletivos. Depois tinha o professor George Black, não sei se você conheceu, mas talvez até de nome. O filho dele²⁶ que também foi professor na Escola e também já está aposentado. Professor de ginástica de aparelho.

C.T. - Atualmente ginástica olímpica, que nem nas olimpíadas. Cavalo, argolas, barras...

F.T. - Cavalo, argolas, barra, solo, trampolins, etc. e aquilo tudo. Nós passávamos aquilo assim meio por alto, porque ninguém tinha que ser profissional naquele desporto, mas tinha que ter conhecimento. Por alto, mas tínhamos que ter conhecimento de tudo.

²² Rubens Mylius

²³ Aidy Maria Buss Botana

²⁴ Olga Valéria Kroeff Echart.

²⁵ Waldir Calvet Echart

²⁶ Karl Black.

C.T. - O senhor falou que dava a parte de lançamentos dentro do atletismo. Depois o senhor deu outras disciplinas também?

F.T. - Eu dei Tênis mas era uma raquete furada sabe... Eu descobri, depois, porque eu não acertava direito. Já naquela época eu tinha glaucoma, e o glaucoma modifica completamente as coisas; você vê uma coisa e ela não está ali, não é? Ela está em um outro lugar, mas você enxerga aquilo lá, e é o que está me deixando praticamente cego: o glaucoma, catarata... Ai eu sempre dizia para minha velha: “o dia que eu me aposentar eu vou melhorar o grau dos óculos que eu estou usando e vou ler tudo que eu quero ler, porque não tinha tempo para eu ler tudo que eu precisava”; porque eu tinha as revistas, eu recebia revistas da Alemanha, eu comprava tudo que podia comprar, porque eu me achava um zero à esquerda, sabe. Em tudo eu não me considerava um professor sabido, como diz, alguém que tivesse condições de ser um professor de fato. Eu sempre me achava muito fraco, eu comprava tudo que podia comprar, lia tudo que podia ler, eu sempre estava correndo na frente. Tanto é que quando foi inventado o estilo “Floop” - não sei se te lembras do estilo “Floop”, em salto em altura? É o de costas, aquilo foi na Alemanha, começaram lá - eu recebi a revista e com a série de fotos, aquelas com as diferentes fases... Eu ensinei... Eu disse para eles lá... Tinha uns rapazes bons em atletismo e eu disse: “olha aqui ó, isso aqui nós vamos experimentar aqui na SOGIPA”. E mostrei como é, ensinei como é, mas eu... “Não saltem porque nós não temos caixa preparada pra isso”. Precisava de um monte de espuma para cair em cima porque você cai de costas lá no outro lado; a minha surpresa, quando eu cheguei no outro dia para tomar conta da turma, estavam lá saltando “floop” e bumba na areia. [risos]. Então, cada estouro naquele monte de areia e eu dizendo: “vocês vão se quebrar , vamos parar com isso aí”. Aí se encarregaram - não sei de onde arranjaram tanta espuma, flocos em sacos. Então tudo ensacado, tudo pronto, botavam lá um monte de sacos e iam saltar. Mas quando arrebentava um saco daqueles era um saco. Aquele estádio da SOGIPA era puro floco voando lá dentro, não é? Porque o vento levava junto, aquilo era leve, mas era uma porcaria. Até que depois resolveram comprar tapetes: compraram lonas e tudo, então, a gente foi...O que eu estava falando sobre isso? Que eu lia e era a maneira de como eu conseguia transmitir para outros, não é? É! Tem alguma coisa para perguntar ainda?

C.T. - Sim, sim, tem algumas coisinhas. Como que era o seu relacionamento com os alunos? Como eu havia falando antes, aquele era um momento diferenciado na política brasileira...

F.T. - É...

C.T. - E como eu havia dito, em minha pesquisa anterior, os alunos haviam dito que o relacionamento com os professores não era tão informal, como estamos conversando agora. Para entrar em um gabinete de um diretor, era uma honra, algo incomum, ao contrário de hoje. Sendo assim, como era o seu relacionamento com os alunos? O senhor se considera um professor mais formal, mais rígido ou mais próximo dos alunos?

F.T. - *Não, que esperança!* Eu achava isso tudo uma grande bobagem, mas barbaridade! A prova estava sempre aberta!

C.T. - É mesmo?

F.T. - Era um entra e sai...Qualquer coisa estava sempre de...Se eles não vinham conversar com a gente é porque não tinham tempo ou me achavam...

C.T. - De repente eles tinham medo?

F.T. - Não, medo não... Medo? Eu acho que meus alunos não tinham medo de mim. E, sim, respeito. No Júlio de Castilhos, onde fui professor, geralmente das primeiras duas séries - primeira e segunda série- eu tinha... Fui assistente de direção do Júlio de Castilhos, também, durante...Nos anos... Em 64, me parece, que eu saí. Não me lembro quando foi à revolução...

C.T. - 64. 31 de março...

F.T. - Começou em 64. Como o meu diretor lá, o diretor Verner Killing²⁷, era considerado meio da esquerda, então nós fomos... Nós saímos e eu não fui solicitado a sair nem nada, mas eu saí porque já tinha outros candidatos. Porque naquela época tinha que se fazer eleição pra diretor e assistente de direção. Mas, então, meus alunos daquela época - desde a primeira série, quando eu comecei no Júlio de Castilhos em março de 43... Em 43 comecei a lecionar eu, lógico, gostava de disciplina, tinha que entrar em forma... Já eu fazia assim por uma questão de cuidado. A roupa: os guris tinham que mudar de roupa do lado deles, deixavam a roupa dobradinha. E eu fazia a chamada e ia passando por eles, ia tomando nota no caderno. Quando eu botava eles fora de forma, no fim da aula, eles formavam do lado da roupa, para nenhum mexer na roupa do outro, aquela coisa toda... Então: “agora podem trocar de roupa, vão botar a roupa de vocês”. E aquela roupa ali a gente ficava trabalhando ali por perto, ficava sob vigilância, a gente tinha que cuidar porque havia muitos oportunistas que entravam lá, como aconteceu uma vez, eu estava lá...

C.T. - Roubavam as roupas?

F.T. - Roubavam, sim! Não é, roubavam partes, o que interessava. Por exemplo, uma vez eu cheguei no Júlio, de lá no campo do Tiradentes - era ali, na praça da Redenção²⁸, era ali naquele estádio, era de manhã, eu era chefe da Educação Física no Júlio de Castilhos - então eu ia lá para ver como estava funcionando a turma lá. Estava lá o Milthon Cunha²⁹, o Bruxo, o Néelson Saul³⁰ e assim por diante, estavam ali dentro trabalhando. E tinha um cara encostado em um corrimão em volta; encostado e o pessoal tinha deixado as roupas em cima, assim, e o sapato no chão. E o cara lá, como se tivesse olhando alguma coisa e com o pé experimentando o sapato. [risos]. Estava roubando o sapato. Daí eu fiz o sinal para um professor. Aí ele veio por trás, pegou o cara. Outra vez eu peguei o cara tirando dinheiro do bolso das roupas dos guris. Daí eu não fiz alarde nenhum, peguei o guri e sentei ele em cima de um - tinha umas armações de cimento, naquele tempo, era militar, tinha que subir por uma escadinha, pular na ponta, aquela coisa toda...

C.T. - Pista de Pentatlo militar.

²⁷ Nome sujeito à confirmação.

²⁸ Parque Farroupilha, criado em 1807.

²⁹ Milthon José Cunha

³⁰ Nelson Rubens Saul.

F.T. - Então eu disse para o guri: “tu fica aí até o fim da aula”. Então, fim da aula os guris - eu não tinha dito nada - botaram a roupa e o guri “professor, me tiraram dinheiro!” [risos]. Aí eu disse para o guri...Botei na fila, a turma estava na fila... “Quanto é que te falta?” “2 mil reais”. “Dá para ele!” E foi indo, ele teve que devolver o dinheiro todo para os guris. Aí, no fim, já diz o guri pra mim: “professor, já estão tirando o meu dinheiro.” [risos] Tinham uns aves no meio. Eu digo: Não! Não! Não façam isso, tirem já o de vocês... Agora vamos pegar o guri e levar ele até o portão; então levamos até o portão e disse: “olha, agora tu vais ligeiro para casa porque se eu solto os guri aqui eles vão querer dar em ti”.

C.T. - E largou correndo. [risos]

F.T. – É, o Júlio de Castilhos foi uma época muito boa, mas como a entrevista é sobre a Escola, não é? Desligaste esta parte?

C.T. - Não, não...

F.T. - Não bota isso, não faz parte...

C.T. - Não! Está tudo aqui, ó!³¹ Professor, o trabalho também trata da sua trajetória...

F.T. - Eu sempre gostei do Júlio porque...Eu sempre digo o seguinte: o professor que se forma na ESEF e consegue um colégio público, ele faz o estritamente necessário. Ele dá a aula e vai embora, não quer saber de mais nada. Se ele pega um colégio particular, ele vai junto com eles para uma excursão, ele dá vôlei, ele dá basquete, faz uma força Por quê não faz isso no público? Só porque o colégio não é pago? Isso aí é uma maneira muito errada... Mas o que eu fiz dentro deste Júlio de Castilhos em prol da rapaziada... Olha, vou te dizer uma coisa... Aí vieram uns missionários da Igreja, eles chamam dos Santos dos Últimos Dias, Mórmons, eles são lá de Utah, nos EUA. Eu fiz amizade com eles. “Professor, não quer aprender Beisebol?” “Se eu quero aprender?” Mas está muito bem. Peguei a minha turma lá no Júlio de Castilhos e: “Quem é que gostaria de aprender a jogar Beisebol?” Então teve um bloco ali e nós vamos no Sábado; nós vamos aprender isso. Aí nós íamos lá

para o alto da Independência³² - aquilo agora é Caixa d'Água - mas aquilo era um terreno baldio, gramado. E nós íamos para lá e “Dê-lhe”! Jogávamos o tal de “Softbol”. “Soft” quer dizer macio, não é? Bola macia, era uma bola grande...

C.T. - Eu vi na TV esses dias, é o “beisebol” que as mulheres jogam...

F.T. - É, até as gurias podem jogar, porque a bola dura - aquela -, se pega na cachola do sujeito, ele capota. Ele cai duro, não é? Então, nós fomos lá e aprendemos a jogar o “beisebol”... Através da bola... Eu andava com os guris para lá e pra cá; íamos no Country Club³³. Nós arranjamos lugar para fazer o “beisebol” no Country Club. Sabe onde é que fica?

C.T. - Perto do Iguatemi³⁴, ali?

F.T. - Exatamente. Tem que entrar lá pra dentro, onde jogam golfe...

C.T. – Exato.

F.T. - Pois olha, fiz time de... O Júlio de Castilhos competiu sempre em atletismo, em vôlei, basquete...Eu consegui incentivar o falecido Waldir Echart, meu colega, pois ele não queria porque o Júlio não tinha bola, não tinha isso, não tinha aquilo, não tinha cancha. Eu digo: “Waldir, a gente arranja. E se tu não tens onde arrumar a bola, eu vou comprar do meu dinheiro, uma bola para tu teres.” Aí ele se enchia de brios e: “Não, deixa que eu compro, eu dou um jeito, eu compro uma bolas, eu arranjo emprestado, eu vou lá no clube...” E conseguimos ter time de vôlei, de basquete, de futebol e atletismo... Isso feito, porque a gente tinha interesse... Depois que eu saí, acabou-se tudo. *Acabou-se!* Não tem mais nada! O Júlio de Castilhos não compete em mais nada! Isso me chateia, sabe? Me deixa enjoado que o pessoal abraça uma profissão que devia ser uma profissão, não só de querer ganhar dinheiro mas de doação pessoal, de fazer alguma coisa pelo próximo! Pelo guri! *Não fazem!* São raros os professores que se empenham junta à turma para fazer um

³¹ O entrevistador mostra o gravador ao entrevistado.

³² Avenida da cidade de Porto Alegre

³³ Porto Alegre Country Club, fundado em 30 de maio de 1930.

³⁴ Shopping Center Iguatemi.

vôlei, um basquete. Hoje em dia já está melhor, me parece; eu não tenho acompanhado, não sei como está funcionando isso, porque era coisa muito séria, ninguém queria fazer nada. Aí, esses colégios particulares, como o dos padres... Até perdi agora o....

C.T. - La Salle³⁵?

F.T. - Não, lá não é La Salle... No alto de Petrópolis³⁶ ali...

C.T. - Israelita³⁷? Bom Conselho³⁸ ...

T – O Israelita. Esse não competia quase, mas os outros, como o ...

C.T. - Rosário³⁹ ...

F.T. - *Rosário!* O outro, o que tinha...

C.T. - Champagnat⁴⁰?

F.T. - Como é?

C.T. - Champagnat? Anchieta?⁴¹

F.T. - *Anchieta!* Champagnat não, naqueles tempos ele não tinha elementos para isso; eles nem botavam professor, eles não tinham professor de ginástica. Hoje em dia o professor de ginástica já é olhado diferente, já é olhado como alguém que pode fazer alguma coisa pelo colégio. Naquele tempo não, ele era um estorvo dentro do colégio. “Tem que colocar um professor de ginástica?”. Você vê, esse mundo ficou... Agora... Mas não sei se o ensino na escola está mais fraco... O que é ou eu... Quando eu via essa coisa... Começou com o

³⁵ Colégio La Salle

³⁶ Bairro da cidade de Porto Alegre

³⁷ Colégio Israelita

³⁸ Colégio Bom Conselho

³⁹ Colégio Marista Rosário

⁴⁰ Colégio Marista Champagnat.

⁴¹ Colégio Anchieta

negócio das disciplinas. Digo: “Hi! Virou em anarquia esse negócio.” Naquele tempo... Porque com série era ali na dureza, não é? Tinha que ser. Agora não. O cara faz lá a disciplina e na hora de fazer aquela disciplina ele se desvincula do resto. Ele não é... Ele não faz parte da escola. Ele faz aquela disciplina. Quando o cara tira uma série, ele faz parte da escola, não é? Não...Estás entendendo o que eu quero dizer?

C.T. - Entendo porque eu fiz o primeiro semestre com a minha turma e já no segundo a turma se dispersou...

F.T. - A disciplina foi feita para facilitar o estudo dos alunos. O cara não tem tempo para fazer a série, daí a disciplina. Ele faz tudo, ele tem tempo. E com isto, ele desmanchou aquilo que era, antigamente, série tal, tal, tal e tal. Séries... Tudo funcionando, tudo certo. Hoje não, eu não sei se agora qual é a... Mas, naquele tempo, a gente logo notou isso: que as disciplinas, o estudo por disciplina, ele desmanchou uma estrutura; uma estrutura que existia. É isso aí... Então, às vezes, eu ficava chateado por causa disso. Pomba, a gente se esforçou porque a gente fazia uma força tremenda para transmitir a ginástica, porque ninguém queria fazer ginástica. Fazer ginástica era uma coisa muito triste. Então, eu fazia assim: metade da aula era exercícios formais, flexionamentos e, depois, os exercícios naturais de corridas e saltos; e, depois, era um esporte. E aí eu tinha uma barbaridade de afluência dos guris. Não faltavam nunca, não precisava nem fazer chamada! Estavam todos lá, porque sabiam que depois podiam jogar. Era o futebol, era basquete. Eu sempre fui muito do basquete porque eu sempre dizia o seguinte - e digo até hoje - o basquete é um esporte bom para a gurizada porque a bola está sempre em movimento. No chão ou no ar ela está sempre em movimento. No vôlei não. O vôlei é chato porque se o cara erra parou, começa tudo de novo. Então o vôlei ficou meio relegado ao segundo plano. Futebol não se jogava, a não ser lá no... Quando era no tempo do... A escola de cadetes ali do estádio Ramiro Souto⁴². Ali se jogava: eu dividia o campo em duas partes, para duas equipes poderem jogar porque a gurizada não... Então era... Joga um em uma ponta do campo, outra em outra ponta para dar movimento. E, quando a coisa engrossava, que fazia um campeonatozinho, aí então valia todo o estádio...

C.T. - Professor, o senhor falou com bastante carinho dos seus tempos de Júlio. Além dele e da ESEF o senhor trabalhou no Instituto...

F.T. - E lá com os cegos e SOGIPA...

C.T. - E na SOGIPA. Nesses quatro locais onde o senhor trabalhou...

F.T. - É.

C.T. - Com os cegos foi naquele Instituto do professor Gaelzer?

F.T. - Não, não. Eu fiz massagem no instituto do Gaelzer. Os cegos chamava-se Instituto Santa Luzia, até hoje tem esse nome. Lá no passo da Cavahada. Sabe onde é que fica não é?

C.T. - Cavahada eu sei...

F.T. - Lá tem uma construção muito grande de cegos. Antigamente, quando eu dava ginástica era cego, surdo e mudo. Aí eles tiveram que separar os cegos dos surdos-mudos pelo fato de eles não puderem dizer as coisas, dizer palavrões, aquela coisa toda. Eles partiam para porrada, para o pau, eles desciam lenha nos ceguinhos; os cegos apanhavam deles. Então, tiveram que separar. Acabaram com o departamento de surdos-mudos; eu acho que lá embaixo, no Passo da Cavahada, também continua sendo assim, só cegos.

C.T. - E esse instituto do professor Gaelzer. O senhor fez o quê? Curso de massagem lá?

F.T. - Não. Não tinha curso. Ali ele é atendia, era fisioterapia.

C.T. - O senhor precisou fazer fisioterapia ou trabalhava lá?

F.T. - Eu trabalhava lá.

C.T. - Então o senhor trabalhou no Instituto do professor Gaelzer, no Santa Luzia, na ESEF, na SOGIPA e no Júlio de Castilhos.

⁴² Situado dentro do Parque Farroupilha foi construído em 1939.

F.T. - E dei umas aulas de natação, mas isso não vem ao caso.

C.T. – E, o senhor saberia me dizer, quanto tempo o senhor trabalhou na ESEF?

F.T. - Eu comecei em 43 e me aposentei com trinta e cinco anos de serviço.

C.T. - Em 78?

F.T. - É. Eu fui um dos encarregados da transição do Estado para o federal, e depois me aposentei...

C.T. - O senhor me falou sobre bastantes fatos que, embora o senhor tenha dito que nunca fez nada de importante, na cabeça de seus alunos eles devem se lembrar do senhor até hoje, e, embora, o senhor tenha citado aquele exemplo de Mariana Pimentel⁴³, algumas pessoas tornam-se importantes. Tanto é que eu estou aqui porque o senhor participou como diretor de um momento histórico para a ESEF. Então o senhor é importante. Isso tudo que o senhor está me falando é importante para um trabalho que é pioneiro. Ninguém, até então, havia escrito sobre isso na Faculdade. E vai ser muito importante para que outras pessoas possam, futuramente, saber o que aconteceu naquele momento.

F.T. - É. Hoje em dia não sei qual é a facilidade de arranjar emprego, mas eu acredito que seja bastante difícil porque de repente houve um “boom”! De fundação de escolas. Todo mundo se achou com direito de botar escolas de Educação Física dentro do currículo da...

C.T. - Das universidades...

F.T. - Das universidades ou, simplesmente, uma reunião de faculdades. E isso não é bom. Não é bom porque aí, mais adiante, o governo vai ter o seguinte: o governo vai ter que fazer um exame com os caras todos para ver quem é que tem aptidão pra ser professor, porque afinal de contas eu acho que o cara só tirar o curso porque quer um título e, depois, trabalhar só uns meses ou um tempo em uma escola... Isso aí não presta, não está certo, não é um cara que está se empenhando em uma profissão, que vai ser alguma coisa, que

vai transmitir alguma coisa, caramba! O sujeito quando abraça um curso ele tem que pensar em auxiliar alguém; alguém vai Ter proveito daquilo que eu sei, alguém vai receber algum ensinamento daquilo que eu sei. Não somente eu vou tirar proveito porque eu vou ganhar um ordenadinho, ora bolas, isso não! Então eu vou ser estivador, dá no mesmo não? O cara tem que ser... Tem que ter um ideal, tem que ser idealista; eu acho que em todas as profissões o ideal, ser idealista é muito importante. Sujeito que não tem ideal, ele não vai conseguir fazer nada que preste, porque ele não ele não está dentro do “mettier” dele, daquilo que ele tinha que fazer, não é? Ele tira o curso de Educação Física mas daria um bom contador, um sujeito bom, um bom chofer de automóvel, caramba, e vai se meter em Educação Física para ganhar 250 por mês? Isso não é ordenado para um, não é? Daí se o cara não tem ideal ele não vai... E eu sei que o professor é - como dizia um conhecido meu, já falecido, em uma reunião religiosa lá, em Taquara: “Vocês estão tecendo loas ao professor, mas eu vou dizer uma coisa pra vocês: o lha aí as golas do colarinho de camisa! Se tem colarinho puído ou não; muito asseada pode contar que é professor porque não ganha o dinheiro suficiente pra se manter bem vestido, bem arrumado, como vocês estão achando que tinha que ser”. E o professor é assim até hoje, acho eu. O ordenado do professor é muito fraco...

C.T. - De maneira geral sim...

F.T. – É, o cara, quando entra na profissão, ele... Como diziam lá, para um dos meus colegas: professor-moita; ele senta na moita, vai se esconder atrás da moita e deixa os alunos jogando futebol no sol. Não está bom. O cara tem que saber se doar. É isso...

C.T. - Para nós finalizarmos, o senhor teria algum momento marcante em sua carreira de professor que o senhor gostaria de me falar, fora esses que o senhor me falou?

F.T. - Marcante? Não, não tenho marcante. Eu achava tudo natural...

C.T. - – O senhor dá a mesma importância a todos os momentos?

⁴³ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

F.T. – É, por exemplo, se fosse um outro dizia: “Não, eu fui diretor da *Escola de Educação Física!*” Eu digo pra mim: foi um acidente dentro de minha vida profissional, não foi uma grande coisa não...

C.T. - O senhor não gostou do período que o senhor foi diretor?

F.T. - Não...

C.T. – Por quê?

F.T. - Para mim até achei enjoado ser diretor.

C.T. - O senhor não dava aula naquele período?

F.T. - Eu dava aula no Júlio de Castilhos de tarde. Eu saia lá da ESEF e ia lá para o Júlio de Castilhos dar aula.

C.T. - Foi por isso que o senhor não gostou, porque o senhor não dava aula no período que o senhor foi diretor, na ESEF?

F.T. - Eu acho que sim, eu não me lembro, parece mentira. É, tem certas coisas que eu já - como dizem em psicologia - introjetei. Eu já botei para o esquecimento. Introjetei no esquecimento... Não... “Mas você fez isso ou fez aquilo?” Eu não me lembro...

C.T. - Mas de maneira geral, o senhor sente-se ou não realizado como professor de Educação Física?

F.T. - Se eu fui sempre?

C.T. - Se o senhor sentiu-se, ao longo de toda a sua trajetória, nos locais que o senhor trabalhou... Agora se o senhor olhar pra trás, o senhor vê essa trajetória e sente-se realizado com a profissão que escolheu?

F.T. - Sabe o que eu vejo? Eu estou vendo uma coisa se apagando. Eu - como vou dizer- eu já estou esquecendo tudo, esqueci de tudo já. Pomba, o que você foi na vida? Eu nem me lembro. Eu nem me lembro mais direito o que eu fui na vida. Só sei que eu fui funcionário público, funcionário do governo e continuo sendo porque sou aposentado, não é? E para ganhar aquele dinheiro, eu trabalhei, eu fiz força. O que eu ganhei eu não ganhei na moleza, não. Era ali, na batata! Eu me aposentei com *uma falta!* Uma falta, em trinta e cinco anos de serviço. Ou melhor, uma falta abonada, na ESEF; e no Júlio, também, sem faltas, isso abonados, quer dizer: Não tive falta em trinta e cinco anos de carreira e o interessante era que, quando eu ficava doente, era nas férias. Sempre nas férias tive alguma coisa.

C.T. - Mas quando eu quis lhe perguntar se o senhor sente-se realizado ou não, eu lhe pergunto se o senhor arrependeu-se de ter escolhido...

F.T. - Ah! Não! Nesse ponto eu não me arrependo de nada. Eu acho que eu não fiz mal a ninguém, pelo contrário! Eu servi...Ainda ontem eu fui em um médico oculista, chama-se Néelson Telechimeski⁴⁴, é um judeu que foi meu aluno lá no Júlio. Toda vez que eu chego lá nós temos...Ele tem uma conversa comigo e ele sempre me dá...“E aquilo lá eu aprendi contigo!” E eu digo: não, não aprendeu; não me lembro se eu havia dito, fiz isso, fiz aquilo, porque o aluno é diferente; como ele, só ele; o professor disse isso, ele toma nota e fica com aquilo; o professor nem se lembra que disse aquilo ou fez uma coisa que calou profundamente no aluno, não é ?

C.T. - Por isso que eu lhe disse, quando cheguei, sobre o meu orientador. O senhor pode não se lembrar dele, mas ele se lembra do senhor.

F.T. - Quem?

C.T. - O Molina⁴⁵...

F.T. - Ah! Ele se lembra?

⁴⁴ Nome sujeito à confirmação.

⁴⁵ Vicente Molina Neto.

C.T. - Se lembra.

F.T. - Ah, eu não em lembro dele, foi professor lá na Escola?

C.T. - Não, ele foi seu aluno.

F.T. - Na Escola?

C.T. - É, na ESEF.

F.T. – Não, eu não em lembro do Molina lá. Pode ter sido...Eu não...O que ele pode se lembrar de mim, é que eu nunca faltei: chovia ou não, eu estava lá, presente para dar minha aula. Não tinha conversa não!

C.T. - Pois é, professor, parece que chegamos ao final desta sessão de entrevistas. Tenho bastante material agora e fim.

[FINAL DO DEPOIMENTO]